

Que corpo é esse? Literatura negra surda, interseccionalidades e violências

Ires dos Anjos Brito¹ 

Universidade Federal da Bahia

Jonatas Rodrigues Medeiros² 

Universidade Federal de Santa Catarina

Nanci Araújo Bento³ 

Universidade Federal da Bahia

Nayara Rodrigues⁴ 



Artigos livres | Free articles | Artículos libres

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v6i01.8533

RESUMO

Os últimos anos foram marcados pelo crescimento notável da produção artística/poética em língua de sinais, com a presença cada vez mais efetiva de poetas slammers na cena nacional. O efeito mais direto disso é a vitrinização das interseccionalidades que atravessam as múltiplas identidades surdas, expostas desde as performances nos slams e na poesia.doc até os estudos e trabalhos acadêmicos sobre o assunto, diante disto, este artigo visa tencionar algumas dimensões importantes para se pensar no lugar interseccional, encruzilha(dor), vivido por tantas mulheres, negras, surdas que têm seus corpos atravessados por vias de sulbaternização e invisibilidade epistêmica e justifica-se pela urgente necessidade de problematizar discussões em prol do debate a respeito das idiosincrasias indistigáveis tatuadas na vivência negra surda, para isto, recorreremos tanto a leitura verticalizada de estudos e dados que possibilite um olhar interseccional a respeito desta questão quanto uma cuidadosa interpretação do poema Boneca Invisível, da poeta negra surda Nayara Rodrigues, na ótica do Feminismo Negro Surdo e a literatura como meio de denúncia de violências sofridas pelas comunidades surdas. Nosso principal intuito é suscitar um alargamento conceitual para abarcar textualidades corporais como produções teórico-literária-política legítimas, além de notabilizar o profundo vácuo a estas pessoas deixadas tanto pelo movimento de mulheres negras quanto pelos estudos surdos no Brasil

Palavras-chave: Literatura Negra Surda; Interseccionalidades; Violência; Mulher Negra Surda.

What body is that? Black Deaf literature, intersectionality and violence

ABSTRACT

The last few years were marked by the remarkable growth of artistic/poetic production in sign language, with the increasingly effective presence of slamer poets on the national scene. The most direct effect of this is the glazing of intersectionality that crosses multiple deaf identities, exposed from performances in slams and in poetry.doc to studies and academic works on the subject. thinking

¹ Doutoranda em Literatura e Cultura pelo PPGLITCULT/UFBA, sob orientação da Prof^a Dr^a Florentina da Silva Souza; Mestra em Estudos Étnicos e Africanos pelo Pós-Afro/UFBA; Espec. em Formação de professores em Libras UNEAD/UNEB e graduada em Letras também pela Universidade Federal da Bahia, coordenadora do curso de Extensão *Em Pretas Mãos/UFBA*. E-mail: iresletras@gmail.com

² Mestrando em Estudos da Tradução/UFSC orientado pela prof^a Dr^a Silvana Aguiar dos Santos; licenciado em Letras Libras/UFPR; tradutor intérprete de Libras. E-mail: jonataslibras@gmail.com

³ Doutora em Língua e Cultura/UFBA; Mestra em Linguística/UFBA; Graduada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira/Ucsal, professora bilíngue (Libras/Português) da rede pública do estado da Bahia, professora de Libras da Universidade Federal da Bahia, coordenadora do projeto Entre Vistas e coordenadora do curso de extensão *Em Pretas Mãos/UFBA*. E-mail: nablibras@gmail.com

⁴ Arte-educadora, poeta surda e consultora de tradução de Libras. Participa do Slam do Corpo e de outros saraus e batalhas de poesia como slammer e poeta. É também MC, mãe, performer, co-fundadora do grupo RamariaS e contadora de histórias no grupo êBA! E-mail: silva.nayara90@gmail.com

about the intersectional place, crossroads (pain), experienced by so many black and deaf women who have their bodies crossed by pathways of subalternization and epistemic invisibility and is justified by the urgent need to problematize discussions in favor of the debate about tattooed undisguised idiosyncrasies in the black deaf experience, for this, we use both the vertical reading of studies and data that allows an intersectional look at this issue and a careful interpretation of the poem *Boneca Invisível*, by the black deaf poet Nayara Rodrigues, from the perspective of Black Deaf Feminism and literature as a means of denouncing violence suffered by communities. deaf things. Our main aim is to raise a conceptual broadening to encompass bodily textualities as legitimate theoretical-literary-political productions, in addition to highlighting the deep vacuum left by these people both by the black women's movement and by deaf studies in Brazil

Keywords: Black Deaf Literature; Intersectionality; Violence; Black Deaf Woman.

Submetido em: 28 de abr. de 2021 | **Aceito em:** 28 de mai. de 2021

Para nós, este trabalho parte das inquietações em pensar o (não) lugar da mulher negra surda nas pautas e lutas reivindicatórias de direitos, tanto por parte do movimento de mulheres negras no Brasil, quanto dos movimentos surdos. A decisão de trazer a cena das discussões étnicos/raciais às questões que envolvem a mulher negra surda é de profunda relevância, e a necessidade deste debate passa prioritariamente por fatores que não podem e não devem mais ser invisibilizados, nem pelas instâncias acadêmicas, que envolvem os estudos surdos, os estudos de gênero e os estudos raciais, nem pela comunidade surda, nem pelos movimentos feministas negros e muito menos pela comunidade negra, nas suas mais variadas formas de expressão.

A interconexão entre gênero, raça e surdez é, se não a principal, uma das principais formas de subcategorizar a mulher negra surda em um padrão de exclusão que a fixa numa esfera subalternizante de difícil mobilidade, isto se dá, aprioristicamente, por estas pessoas não atenderem a um padrão ocidental (branco-falocêntrico-cis-hetero-ouvintista-hegemônico) que não tolera a diferença, atualizando constantemente conceitos racistas, que quando não demonizam o Outro o expurga de forma eficiente da sociedade de direitos. A mulher negra surda ocupa neste jogo o não-lugar deixado pelo profundo vácuo tanto do Movimento Negro organizado, quanto pelo Movimento Feminista Negro e ainda pelas já avançadas discussões do Movimento Surdo no país.

Santos (2019), é um dos primeiros autores no Brasil a refletir sua pesquisa pela lente da interseccionalidade negra surda⁵, ele infere que “não podemos ignorar

⁵ Anterior a Santos (2019), encontramos o trabalho de Buzar (2012), que também utiliza o termo interseccionalidade para analisar surdez e raça.

que os ataques contra pessoas surdas envolvem também questões como gênero, sexualidade e raça”⁶, o pesquisador observa que embora haja avanços em políticas que permitiram o acesso e a crescente presença de pessoas negras na universidade, assim como de pessoas surdas, quando cruzado os marcadores, não é verificável o aumento tão expressivo de negros surdos no mesmo espaço acadêmico.

Também é importante salientar que os estudos interessados em descrever e analisar a literatura surda, não se ocupam de assuntos interseccionais, voltando-se para a produção de poetas negros surdos, tendo sua primeira conceitualização trazida por Brito (2020), que localiza a Literatura Negra Surda, como uma produção que pode ser encarada:

“[...] como lugar de representação, marcada pela produção poética formulada, sentida e transmitida em Libras. Pensada a partir da visualidade, das subjetividades, de reconhecer-se e ser reconhecido, de sentir-se e de ser indissociavelmente percebido como negro surdo”⁷

A abordagem que apresentamos aqui faz parte de nossos projetos político-acadêmicos que objetivam trazer à cena inquietações referentes ao não-trato das subjetividades da mulher negra surda em prol de uma coletividade que não a representa nos movimentos e discursos produzidos nos ambientes de debates acadêmicos, mas que figura, mesmo que timidamente, com um dos pontos fulcrais na literatura negra surda feminista, ainda em acanhado processo de ascensão no país. Em seu precioso livro “O que é interseccionalidade?”, a feminista negra, Carla Akotirene, nos oferece uma oportunidade (que não devemos desperdiçar) de refletir sobre os discursos hegemônicos das minorias majoritárias, paradoxalmente. Antes de prosseguirmos, precisamos deixar nítido que reconhecemos certo privilégio linguístico que mulheres negras ouvintes têm em detrimento às mulheres negras surdas, já que usam uma língua hegemônica, a língua oral, contudo, as vivências atravessadas pela marca de gênero perpassam por pontos nevrálgicos que aliam as subjetividades de muitas outras mulheres negras, não negras, surdas,

⁶ Santos, 2019, p.79

⁷ Fala da autora Ires dos Anjos Brito proferida na *Live Literatura Negra Surda -Axé Libras*, ocorrida em 27 de julho de 2020.

héteros, LGBTQIA+, que acreditam na igualdade como forma de existência e resistência feminina, neste tocante, o socorro epistêmico fornecido pelo conceito de interseccionalidade, tão debatido por Lélia Gonzalez em 1984, Kimberle Crenshaw em 1989 e mais recentemente por Carla Akotirene (2019), Collins e Bilge (2021), tem sido uma forma potente para entendermos e discutirmos as aproximações e distanciamentos entabuleirados nos contemporâneos jogos das identidades. Conforme demonstra Akotirene (2019), a interseccionalidade possibilita compreendermos “[...] a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinação de gênero, de classe e raça e as opressões estruturantes da matriz colonial moderna de onde saem⁸.”

Logo, não é possível pensar em como o racismo se estrutura em torno da mulher negra surda sem levar em conta as rotas que nele convergem, ou seja, sem considerar as questões relativas à classe, heteronormatividade, gênero, raça e deficiências, posto que entre os surdos e mais especificamente entre as mulheres surdas, as negras serão as mais afetadas pelo engendramento dessas categorias identitárias. Seguindo a alusão proposta por Crenshaw (2002), a mulher negra surda está em encruzilhada sendo atravessada por vias de sexismo, ouvintismo, patriarcado e claro, pelo racismo hiper elaborado. Esse lugar ímpar, exclusivo, não pode ser partilhado por homens negros surdos, que embora potenciais alvo do racismo, não vivenciam o sexismo e a misoginia. Também não é possível comungar com outras mulheres surdas não negras por não terem a experiência cotidiana dos efeitos diários das práticas racistas, do mesmo modo, mulheres negras ouvintes, dificilmente, sentirão os efeitos perversos da exclusão linguística e comunicacional. Este lugar que não é solitário efetivamente (por serem diversas e muitas as mulheres surdas), apenas pode e deve ser aquinhoado com aquelas que dividem a mesma encruzilhada epistêmica.

Partilhamos neste trabalho sobre o entendimento do uso do termo negro surdo, em detrimento do inverso, apresentado pela professora Priscilla Ferreira (2018) em sua dissertação de mestrado, conforme ela explica, nos EUA utilizam-se da palavras Black Deaf, “[...]porque primeiramente o sujeito era visto como negro e segundo como ‘ser surdo’ [...]”, ainda a autora explica que no Brasil, optou-se

⁸ Akotirene, 2019, p.33

pela expressão Negro Surdo, uma vez que a sociedade “olha uma pessoa primeiro pela raça e depois pela surdez”⁹.

As marcas raciais são de dissimulação mais complexas, sendo assim, é fundamental discutir as especificidades que envolvem o surdo e neste caso, especificamente a mulher surda a partir das implicações raciais. Afinal, mulheres negras ocupam uma categoria fortemente engendrada pelas noções coloniais/patriarcais de raça e gênero. Consoante afirma a professora Ferreira (2018) [...] “O racismo está arraigado na sociedade, prejudicando a vida social da pessoa negra surda [resultando na]¹⁰ falta de acessibilidade comunicacional nos órgãos de segurança pública para amparar os surdos que sofrem alguma violência [...] Se numa pirâmide sociológica a mulher negra ocupa base primordial dos efeitos das práticas sexistas e racistas a mulher negra surda por não ter acessibilidade comunicacional garantida, sente ainda mais os espraiamentos desses efeitos, que obviamente, estão fincados em três pilares sociais de fundamental relevância: saúde, segurança-pública e educação.

Os reflexos mais imediatos desta exclusão vão desde a dificuldade de acesso à serviços públicos básicos de saúde (como consultas, realização de exames, cirurgias, partos, assistência psicológica...), de educação (implementação, em maior escala, de escola bilíngue (Libras/Língua Portuguesa, currículo bilíngue [Libras/Língua Portuguesa], acesso e permanência, quadro de professores capacitados...) e aos críticos serviços de segurança (registrar ocorrências, assistência jurídica, acesso a lei Maria da Penha...), dentre tantos outros.

As práticas racistas orquestradas evidenciam ainda mais a necessidade de se pensar a operacionalidade do lugar interseccional que a mulher negra surda tem ocupado contemporaneamente e esta é uma chave teórica imprescindível para entender a experiência coletiva de uma mulher que tem sua vivência atravessada pelo racismo, pelo patriarcalismo, exploração de classe, homofobia e pelo perverso ouvintismo. As mulheres surdas são potenciais vítimas de esterilização não consentida, violência obstétrica, estupro, rapto, incesto, assédio sexual,

⁹ Ferreira, 2018, p.40

¹⁰ Grifo nosso

prostituição, violência doméstica (dos mais variados tipos) e infelizmente, os dados fornecidos pelas secretárias de segurança pública são mascarados por uma subnotificação, já que estas mulheres, na maioria das vezes, não conseguem registrar o boletim-ocorrência, em geral, por não terem motivação para buscar ajuda policial ou mesmo por não encontrarem nas delegacias atendimento adequado, já que nem as delegacias especializadas de proteção à mulher dispõem de tradutores intérpretes de línguas de sinais.

Desde 2002, a Língua Brasileira de Sinais/ Libras foi reconhecida, por meio da Lei nº 10.436, como a língua das comunidades surdas brasileiras, essa lei, embora tenha contribuído para a inclusão social e linguística da pessoa surda, encontra muitos entraves quando a questão é a acessibilidade efetiva, isto porque as garantias legais previstas por esta legislação ainda estão distantes de garantir às mulheres surdas os mesmos direitos que as mulheres não surdas, conforme aclara as pesquisadoras Perlin e Vilhalva na *Revista Forum*, publicada pelo INES, em 2016, há uma imensidão de direitos violados das mulheres surdas, sendo a falta de tradução uma das maiores reclamações, em todos os setores, como saúde, acesso à justiça, educação, trabalho e em todos os demais espaços públicos. Os relatos vão do constrangimento de ir ao médico e ter que levar o filho como "intérprete", à violência doméstica e à impossibilidade de denúncia.

Os problemas de vulnerabilidades que atingem especificamente a mulher negra surda precisam ser encarados dentro de suas adstrições seletivas. O peso da discriminação de gênero sobrepujada pelas dimensões raciais e da surdez posicionam o debate num eixo que não pode ser lido, senão pela perspectiva da interseccionalidade, como assim ilustra Kimberlé Crenshaw, ao posicionar que, para além do peso da discriminação de gênero, há outros aspectos relacionados as identidades sociais de mulheres, "[...]tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são 'diferenças que fazem diferença' na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação"¹¹.

Compreender a agudeza deste lugar discutido por Crenshaw parte de um esforço teórico contundente para deixar à mostra as interditas regras do jogo racial ocultado ora pela pauta feminista, ora pela problemática de gênero ou mesmo

¹¹ Crenshaw, 2002, p.173

pela agenda emergente que envolve a pessoa surda no Brasil. Sabiamente nos alerta Sueli Carneiro (2011), sobre o não reconhecimento do discurso clássico da “experiência histórica diferenciada” de mulheres negras, não sendo capaz de abarcar as “diferenças qualitativas” da opressão sofrida na “identidade feminina das mulheres negras”.

Nesse contexto, é imperativo questionar quando a mulher negra surda será pauta para o movimento feminista negro no Brasil? Todos os dias há notícias envolvendo estas pessoas em situações de violência¹², a escola e os sistemas educacionais, conforme revelou Ferreira (2018) em suas pesquisas, não estão preocupados com problemas inerentes a surdez/gênero/raça, além disso, as singularidades interseccionais que atingem a mulher negra surda comumente as deixam em posição efetivamente desfavorável. É preciso reconhecer as subjetividades identitárias do que hoje chamamos tranquilamente de mulheres negras, ou de mulheres surdas, para tornar as pautas reivindicatórias ao menos mais equânimes. Diríamos que um dos grandes desafios que todas e todos nós, pesquisadores, militantes, intelectuais e a sociedade, de modo mais amplo, temos é de caminharmos para o reconhecimento de nossas dessemelhanças, não propomos que os esforços para construir a pauta da agenda feminista negra se esfaçalem, nem tão pouco desejamos o craquelamento da luta da mulher surda, já em passos tão avançados, mas sugerimos uma autodesconstrução das máscaras que dissimulam as diferenças, como nos ensina Audri Lord.

Entre nós existem diferenças bem reais de raça, idade e sexo [dentre tantas outras]¹³. Mas não são essas diferenças que nos separam. O que nos separa é, ao contrário, nossa recusa a reconhecer as diferenças e a analisar as distorções que derivam da falsa nomeação tanto a essas diferenças quanto aos seus efeitos na conduta e nas expectativas humanas.¹⁴

¹² Recentemente, em 20 de abril de 2021, meios de comunicação vincularam o caso de mais uma menina surda violentada, dessa vez pelo pastor de sua igreja, que se apresentava como tutor da menina, com um documento falso. O abuso foi descoberto pela intérprete de Libras que havia começado a fazer seu atendimento em sala de aula e notou comportamento e comentários atípicos. A notícia pode ser consultada no [\[LINK\]](#) acessado em: 26/04/2021.

¹³ Grifo nosso

¹⁴ Disponível no [\[LINK\]](#), acesso 10/06/2019

Nossa preocupação é buscar o socorro gnosiológico tensionado e oferecido por Akotirene, para dar conta de uma lacuna epistêmica deixada pelas produções acadêmicas oriundas de uma vasta bibliografia produzida por intelectuais negras e por intelectuais surdas que, ao invés de amparar teoricamente a mulher negra surda, zelando por suas idiosincrasias, a abandona numa encruzilhada, secundarizando, mesmo não intencionalmente, suas especificidades. Como falar, por exemplo, da exclusão no mercado de trabalho, das dificuldades de acesso à universidade, dos problemas que envolvem a violência comunicacional na área da saúde, a maternidade e as respectivas discussões sobre o aborto, a violência sexual, os efeitos imediatos da necropolítica, ou sobre a sexualidade, a afetividade das mulheres negras surdas? Enfim, é inadmissível pensar a interdição destes assuntos, inclusive pelo próprio movimento de feministas.

O epistemícidio da teoria feminista ajudou a produzir altos índices de violência contra a mulher negra. Houve falta de metodologias adequadas às realidades das mulheres negras [e surdas] e a preocupação central com a categoria de gênero adiando a marcação racializada do fenômeno¹⁵.

Até que ponto mulheres negras se irmanam? Ser negra surda lésbica tem similar correspondência, do ponto de vista anti-hegemônico, que ser surda lésbica não negra ou mesmo ser negra lésbica? O movimento de mulheres negras lésbicas e toda sua produção teórica dá conta, ou menos atenção a estas mulheres negras surdas? E como questiona Akotirene(2019), [...] *não podemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos [...]* No trânsito das diferenciações a interseccionalidade permite criticidade política para entender a fluidez do jogo das identidades múltiplas, pessoas acidentadas pela matriz de opressões através das geografias corporificadas e de suas marcações subjetivas são abandonadas nas vias e avenidas discursivas hegemônicas e ficam à espera do socorro epistêmico que lhes é negado. Insistimos que a interseccionalidade não pretende discutir a intensidade dos níveis de opressão endógenas, mas sim, perceber as dinâmicas dos diferentes tipos de subjugação sob as quais as pessoas são submetidas, tendo em conta padrões hegemônicos racistas, ouvintistas, sexistas,

¹⁵ Akotirene, 2019, p.65

patriarcais em nome de uma pseudo normatividade, não obstante, parte da necessidade urgente de pensarmos em quantas vezes somos oprimidas, mas além disso, sugere tensionar e reconhecer que em muitas outras situações também somos opressoras.

Daí a relevância de que eventos como os Congressos Nacionais de Inclusão Social do Negro Surdo, Encontros Nacionais [e estaduais] de Pesquisadores Negros, o Curso de Extensão “Em Pretas Mãos: a constituição dos sinais e o contexto étnico racial brasileiro”, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e os diversos Seminários para discutir o negro surdo, como o ocorrido em 2018 na UFBA e tantos outros que vêm acontecendo no Brasil, estejam atentos às pautas do movimento feminista negro surdo do país, pois isso implica em barrar um severo processo de pilhagem epistêmica que invisibiliza as pautas da mulher negra surda desconsiderando os processos de afloramento discursivo, epistolar para o fortalecimento da auto-estima destas pessoas.

O tom de desabafo, eloquente na fala de Ferreira, convoca todos a entenderem as camadas de exclusão que pesam sobre esse corpo feminino negro e surdo. As políticas públicas que deveriam salvaguardar os direitos desta comunidade são cada vez mais voláteis e estéreis, assim como também são áridos seus efeitos práticos. Ainda assim, a resistência faz eclodir potências em forma de luta e arte, suturando as lacunas de uma sociedade que precisa curar-se de si.

Recentemente em um minicurso oferecido pelo Programa de Extensão TILSJUR da UFSC, intitulado “Literaturas Surdas: Traduzindo Resistências”, foram abordados temas como Literatura Surda e Injustiças Sociais na Tradução em Libras; Literatura Negra Surda e Resistências; e Interseccionalidade e Letramento Racial no Gênero Slam”¹⁶ com a participação de poetas surdos/as e pesquisadores da área. Na contribuição de Rhual de Lemos Santos e Gabriela Grigolom, foi apresentado a pesquisa interseccional sobre mulheres negras surdas norte americanas, de Chapple (2019), que provoca um direcionamento para uma teoria feminista negra surda, observando como a construção da negritude, gênero e surdez moldam a identidade e a experiência de negras surdas, trazendo suas

¹⁶ As aulas foram ministradas em dupla na ordem de temática, Nayara Santos e Jonatas Medeiros, Ires Brito e Edvaldo Santos, Rhual de Lemos Santos e Gabriela Grigolom, o curso foi coordenado pela prof^a Silvana Aguiar dos Santos.

reflexões a partir de teorias como o feminismo racial crítico, teoria da deficiência, e os estudos surdos crítico. A autora reforça como a interseccionalidade gênero, raça e surdez são poucas e invisíveis em pesquisas acadêmicas. Para Chapple (2019) tais experiências identitárias, fluidas e localizadas, são marginalizadas, e fazem urgir a necessidade de uma teorização como o *BlackDeaffeminism* (BDF).

A autora retrata que sua aproximação com a temática se deu pela adoção de sua filha, negra surda, que a fez trilhar um caminho também teórico e profissional para contribuir com a voz da sua filha, sabendo das camadas de opressões que ela enfrentaria e enfrentou, como apresentado no texto. Sua pesquisa aponta que as mulheres negras surdas podem ser consideradas como “[...] uma população singularmente complexa, na medida em que a intersecção de raça, gênero e surdez oferecem desafios notáveis, bem como apresentam pontos fortes e excepcionais”¹⁷.

A teorização de um Feminismo Negro Surdo - FNS (*BlackDeaffeminism* - BDF), é para Chapple (2019), uma perspectiva alternativa que analisa a interseccionalidade para além da dicotomia de apenas duas identidades, abarcando leituras mais abrangentes sobre as multiplicidades identitárias.

Assim, a pesquisadora propõe cinco princípios para o Feminismo Negro Surdo como (I) interrogar opressões interseccionais marginalizadas e seu impacto nas identidades experecinalizadas por mulheres negras surdas; (II) interessar pela forma como as desigualdades estruturais e a esfera política tem impacto nessas identidades, a partir do ponto de vista do feminismo negro surdo, em níveis micro, mezzo e macro; (III) destacar a experiência de mulheres negras surdas nas investigações sociais; (IV) reconhecer as construções sociais de raça, gênero e surdez como identidades resistentes a normalização da branquitude, machismo estrutural, capacitismo e ouvintismo e (V) reconhecer os efeitos das identidades interseccionais, assim como compreender que em determinados espaços, tempos e contextos um aspecto da identidade interseccional pode estar mais em evidência e ser mais central (CHAPPLE, 2019).

Conforme sugere Collins (2018), é preciso reconhecer o papel das mulheres negras como agentes do conhecimento, que colocam em conflito padrões

¹⁷ Chapple, 2019, p.5 (tradução nossa).

epistemológicos. A abordagem feminista negra toma como pressuposto de uma produção que parte da “[...] experiência vivida como critério de significação”¹⁸. Assim, articulando essa dimensão com o Feminismo Negro Surdo (*BlackDeaffeminism*), indicando que a produção de Nayara, é encarada como construto conceitual, que anuncia epistemologias negras surdas feministas no Brasil, reverberando categorias enunciativas ainda não pautadas. A poesia que trazemos para nossa reflexão, é parte do nosso referencial teórico e epistêmico, uma vez que compreendemos que os textos poéticos surdos, são produções intelectuais que sinalizam do lugar de saber e da experiência surda. No poema em análise, nos é mostrado algumas categorias importantes de serem enunciadas, já que a identidade ambientada no poema passa pelo menos por marcadores de gênero, raça, surdez e infância.

A poesia produzida por Nayara é uma construção de narrativa imagética, performatizada e carregada de signos não verbais, o que chamaremos aqui de poesia.doc, ou seja, documentários poéticos nos quais os artistas utilizam as potencialidades da linguagem vídica para compor o fazer poético, ocupando assim simultaneamente papéis multirreferenciais: roteiro, direção, produção, interpretação e divulgação. A autora utiliza-se de recursos caseiros para apresentar diferentes ambiências nas cenas apresentadas, assim como a performance como linguagem mestra da sua mensagem, ela apropria-se da literatura como lócus de agência e denúncia, nos mobilizando para olhar as bases discursivas tocadas na sua narrativa poética, o não uso, intencional, da Libras, para expressar esse texto poético, nos faz compreender a situação de incomunicabilidade da criança surda, que em fase de aquisição de linguagem, convive com o forjamento das ideologias neoralistas e com as lacunas sistêmicas de uma educação de surdos desamparada pelas políticas educacionais e linguísticas.

Arulogun, Titiloye, Oyewole, Nwaorgu e Afolabi (2012), trabalham com meninas surdas da região metropolitana da Nigéria, utilizando métodos de amostragem em estatística-descritiva, realizam entrevistas semi-estruturadas com 167 meninas, entre 11-24 anos, de uma escola de Ibadan, reconhecida como

¹⁸ Collins, 2018, p.161

primeira instituição de surdos do estado de Oyo. As perguntas realizadas versavam sobre intimidação, maus tratos físicos (como espancamento, tapas, chutes, puxão de cabelo etc...), bullying, violência psicológica, relações sexuais forçadas e os perpetradores das violências. Os resultados apontam que 87% do universo de mulheres pesquisadas já sofreram algum tipo de violência, sendo pelo menos 34,2% violência psicológica, 24,7% bullying, 22,6% violência física e 18,5% violência sexual¹⁹.

Os autores ainda comentam que as crianças surdas estão em maior risco de abuso sexual, tanto na escola, quanto em casa. Na pesquisa, é citado um outro estudo entre crianças surdas e ouvintes em um instituto de língua de sinais, onde atesta que "54% dos rapazes surdos relataram abusos em comparação com 10% dos ouvintes". As meninas surdas relataram 50% de taxas de abuso em comparação com 25% das meninas ouvintes"²⁰

Kvam (2004), comenta que pesquisas norte-americanas, apontam que crianças surdas correm um risco de 2-3 vezes mais de abuso sexual que uma criança ouvinte. No contexto noroegues a autora identifica que mulheres surdas sofrem, antes dos 18 anos, mais que o dobro de abusos comparados às mulheres ouvintes. Infelizmente trabalhos com a comunidade surda brasileira, de mensuração quantitativa sobre a temática, não foram localizados em nossas buscas. Santos e Stumpf (2019)²¹ comentam que "[...] A falta de sensibilização e de consciência social sobre os riscos aos quais as mulheres surdas estão expostas é gritante". Além disso, as autoras apontam sobre a falta de dados estatísticos disponíveis o que consequentemente também se faz ausente nas pautas governamentais e possíveis propostas para solucionar as violências sofridas por mulheres surdas.

Numa recente revisão sistemática Guimarães e Silva (2020), buscam em 05 bases de dados, em português, inglês e espanhol, os descritores: sexualidade, surdez, surdo e deficiente auditivo. As poucas pesquisas encontradas versam sobre temas abrangentes, tendo algumas publicações interessadas na investigação de violência e abuso sexual de pessoas surdas, porém nenhuma investigação brasileira

¹⁹ Arulogun, et al. 2012

²⁰ Arulogun, et al. 2012, p. 1489

²¹ 2019, p.55

versa especificamente sobre os temas de violência sexual, racismo e surdez, violação de mulheres surdas ou abuso sexual infantil de crianças surdas e/ou negras surdas. É alarmante não termos pesquisas e/ou dados estatísticos retratando essa realidade que é narrada apenas de forma velada dentro da comunidade surda brasileira e sequer é debatida pelo movimento negro, nem pelo movimento surdo.

Klein e Formozo²², por exemplo, comentam que já ouviram “vários e tristes relatos de mulheres que foram abusadas sexualmente por homens ouvintes, que ficaram impunes devido à dificuldade de as surdas se comunicarem com os familiares”. As autoras ainda relatam que “[...]a falta de informação a respeito da sexualidade provocou várias gestações indesejadas.”

Santos e Stumpf (2019), também colocam que “[...] Não são raros os casos em que mulheres surdas denunciam suas histórias de abusos sexuais e psicológicos praticados por homens ouvintes”. Segundo elas, há relatos de mulheres surdas que levantam aspectos como “[...] a falta de acesso à escolarização, a falta de oportunidades de empregos, a proibição à maternidade”²³.

Embora dentro dos espaços acadêmicos estas questões ainda sejam pouco discutidas, na literatura produzida por mulheres negras surdas, a violência sofrida por elas toma corpo textual em Libras, utilizando suas poesias como denúncia e reivindicação de direitos, Santos, Grigolom e Medeiros (2020), explicam sobre a ocupação de poetisas surdas em diferentes espaços, como o slam, para produzir seus discursos de políticas e de resistência. Conforme os autores relatam sobre a poesia de Negabi no *Slam*, por exemplo, “[...] O debate da mulher, negra e surda foi a mensagem que marcou o conteúdo da sua poesia, fazendo da sua vida, texto, representatividade e demarcando o seu lugar de fala”²⁴.

A slammer negra surda e feminista Nayara Rodrigues, tem fortalecido esses embates a partir de uma produção poética que evoca as dimensões discursivas, políticas e identitárias de alguém que se recusa a ser silenciada pelos padrões hegemônicos. Como podemos observar, ao analisar a poesia “boneca invisível”, protagonizada pela poeta atriz. Vale retomarmos que encaramos a sua produção como conteúdo literário de valor teórico e testemunhal, uma vez que precede,

²² 2007, p.4

²³ 2019, p.46

²⁴ Santos, Grigolom e Medeiros, 2020, p.46

inclusive, as investigações acadêmicas.

A poesia "boneca invisível" aqui apresentada, é realizada de forma doméstica. Utiliza-se de recursos caseiros para a ambiência de sua narrativa, o vídeo é gravado com a ajuda do seu companheiro, também poeta negro surdo Edinho Santos, e editado em aplicativo de celular. A produção é resultado de uma atividade proposta no curso online *Criação e Experimentos Artísticos na Tradução* oferecido em formato remoto em 2020.

FIGURA 01



Fonte: dos autores

Os dois primeiros planos apresentados pela poeta revelam algumas informações importantes a serem percebidas. A ambiência do primeiro corte nos mostra os brinquedos de pelúcia que anunciam a trama que envolve a infância, em especial a cama que compõe o cenário. A segunda cena nos revela duas percepções, a primeira é a performance da protagonista que demonstra inocência, cuidado e afeto. E ainda nesta imagem, é possível perceber o lugar de "voyeurismo" empregado pela câmera em ângulo *plongée* (de mergulho), que passa sensação de superioridade e observação de quem comete a violência.

Nas cenas seguintes, a poeta-atriz mostra seus sentimentos de medo e repulsa do sujeito que se aproxima, enquanto escolhe narrativa a imagem/identificação do violentador não aparece, apenas seus atos são encenados. A mudança de cor (do colorido para o preto e branco) das cenas também revelam o lugar sombrio da sequência de acontecimentos, transmitindo uma sensação de mudança de temperatura, outrora a cor quente da infância, a vida, acinzentada pela frieza da dor, da violência, da incomunicabilidade, do vazio e do abuso. A cama é novamente tomada como ambiência, desta vez retratando a violência do estupro e pedofilia. Os brinquedos de pelúcia se mantêm

na cena, porém agora esmagados. Dentro do contexto dessa narrativa, faz-se importante ressaltar que o perfil de abusadores, tende a escolher como vítima, crianças mais vulneráveis.

FIGURAS 2



Fonte: dos autores

Arulogun et. al (2012) comentam que mulheres com deficiência, incluindo as mulheres surdas, são mais suscetíveis à exploração sexual e violência emocional, devido ao estado físico, econômico e social, além do anonimato dessas mulheres. A violência sofrida e poetizada pela autora é uma amostra simbólica de uma ocorrência presente na história de muitas mulheres surdas, que são vistas como vítimas mais “fáceis” de serem violentadas, devido a condição linguística não favorável à denúncia. Em especial quando cruzamos o marcador infância surda, podemos ampliar o debate para as questões de aquisição de linguagem e relação intrafamiliar, que é carregada de um processo de aceitação da experiência surda enquanto condição, e o reconhecimento da Libras como primordial para primeira infância surda.

A cena seguinte retrata o lugar de vitória do algoz e o sentimento de destruição da vítima simbolizado pela peça íntima amassada em tom de triunfo.

FIGURA 3



Fonte: dos autores

Como salientamos no início deste texto, as mulheres surdas são excluídas do acesso à justiça, não tendo a quem se reportar diretamente em sua língua quando acometida de alguma violência. Santos e Stumpf (2019) explicam que “Nas

comunidades surdas, as mulheres e as meninas especialmente enfrentam dupla vulnerabilidade e dupla discriminação, por serem mulheres surdas”

A visão comum da comunidade surda como um grupo homogêneo envolto de uma mesma cultura e língua, faz apagar não apenas a pluralidade e a diversidade de identidades do imaginário da comunidade surda, como também minimiza as violências internas que ocorrem dentro da comunidade entre pares surdos. É importante posicionar que mulheres surdas são alvos de abusos cometidos por homens ouvintes, assim como por homens surdos, que também são constituídos dentro de uma lógica e estrutura machista, misógina e patriarcal. Chapple²⁵, reitera que “As mulheres negras surdas enfrentam frequentemente a realidade desafiante da marginalização ou invisibilidade que torna por vezes difícil a navegação no mundo.

FIGURA 4



Fonte: dos autores

Na narrativa produzida pela poeta atriz, o perfil de pedofilia é mais um agravante das cenas que se sucedem, já que como relato pessoal, ela sofreu de fato abuso sexual dos 03 aos 14 anos de idade, o que pessoalmente incide em diversos traumas e quadros que hoje são, em partes, dirimidos no seu fazer poético. A situação de criança surda, atravessada por uma ausência da língua de sinais, devido a visão equivocada de seus familiares, por orientação médica, impediu durante anos sua manifestação de dor através de aquisição linguística condizente a sua experiência surda, a Libras.

Florentino (2015), em uma sistematização de pesquisas sobre a consequência da violência sexual em crianças e adolescentes, reafirma uma convergência de uma diversidade de pesquisadores de áreas como a medicina, psiquiatria, sociologia e etc., que explicitam as graves consequências do abuso

²⁵ 2019, p.5

sexual na infância, assim como buscam delinear tais consequências para então propor intervenções com objetivo de reduzir os danos causados por esse tipo de violência. O autor reflete que tais consequências não são possíveis de serem generalizadas e que devem ser observadas individualmente, pois cada experiência é carregada de outras camadas de violência.

Pereira (2013), numa lente interseccional analisa a violação contra mulheres negras, averiguando como raça e gênero participam da violência doméstica (psicológica, física, sexual etc). A autora frisa que as pesquisas sobre essa temática, em geral favorecem a observação de experiências de mulheres brancas, se fazendo urgentemente necessário “descrever e nomear a violência doméstica e familiar contra as mulheres negras é apenas o primeiro e fundamental passo de um projeto que alcança esferas que vão além de assimetrias, hierarquias, dores e violências”²⁶.

Chapple (2019), relembra que as mulheres negras surdas têm sido omitidas das estruturas institucionais, sendo incompreendidas ou não levadas a sério por membros da comunidade negra, assim como membros brancos da comunidade surda. Nesse sentido, as mulheres negras surdas, carregam marcadores que as invisibilizam dentro de diversos contextos, e em situações de violência sexual, a possibilidade de denúncia tornam-se muito menores. Se ainda refletirmos sobre a infância de mulheres negras surdas, como o exemplo apresentado na poesia, complexifica-se com a fase de aquisição de linguagem, que para crianças surdas, tendem a ser mais morosa devido a falta de políticas linguísticas que garantam a aquisição natural da língua sinalizada como primeira língua na mais tenra idade, como é defendido por pesquisadores e ativistas do movimento surdo (CAMPELLO e REZENDE, 2014).

Reconhecemos, como já dito antes, que embora a Lei e o Decreto que versam sobre a Libras, sejam reconhecidos como um avanço para o asseguramento dos direitos das pessoas surdas, ainda é necessário pautar a morosidade que alguns setores públicos vêm tendo para a implementação de políticas públicas, para além da esfera educacional. O que se observa na prática é que tais políticas se efetivaram, com diversos problemas ainda, apenas no âmbito

²⁶ Pereira, 2013, p.118

escolar e no ensino superior, que mesmo sendo um espaço de disputa ideológica, sobre as metodologias e *lócus* de ensino, avançou-se muito mais que em esferas como a saúde e justiça.

Lamberg e Oliveira (2017) buscaram compreender de forma inicial, as diversas formas de violência que permeiam o universo das mulheres surdas. Observando a materialidade desses atos de violências, as autoras entrevistaram um grupo de mulheres surdas residentes em Curitiba. As pesquisadoras elaboraram questões que versam sobre comunicação, saúde, educação e violência. Nas respostas trazidas pelas participantes de pesquisa, foram identificados pontos como: a exclusão do direito da mulher surda sobre o seu próprio corpo e o acesso à saúde, assim como dificuldades de comunicação durante o parto o que pode ser considerado violência obstétrica simbólica; o não acesso à informação sobre os cuidados com a saúde; a discriminação no âmbito escolar e a falta de intérpretes de Libras, assim como a exclusão em atividades escolares em grupo; e relações sexuais forçadas por não entenderem à sua língua.

Percebendo a ausência dos direitos linguísticos de mulheres surdas na esfera jurídica, Santos e Stumpf (2019) desenvolvem trabalhos pioneiros na relação entre tradução/interpretação em Libras e a Justiça. Com o objetivo de criar um espaço de pesquisa e extensão, aplicada ao diálogo com a sociedade e a comunidade surda, as referidas autoras desenvolvem em 2016 o Projeto de Extensão TILSJUR - Tradutores Intérpretes de Libras no Judiciário da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Dentro das ações, a temática da mulher surda e o acesso à justiça é debatido levando em consideração as políticas linguísticas e as políticas de tradução, como principal ferramenta teórica e discursiva para o tensionamento desse debate na academia e o forjamento de ações concretas que na prática resultem numa melhoria de acesso das mulheres surdas à justiça.

Um exemplo emblemático do não acesso de informação e à esfera policial e judiciária, é a Lei nº 11.340/06 – a Lei Maria da Penha, que mesmo após tantos anos de sancionada apenas em 2016, teve sua primeira versão traduzida em Libras, realizada pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (Sedhast) do estado de Mato Grosso do Sul como informa Santos e Stumpf (2019), ou seja, após uma década de sua oficialização.

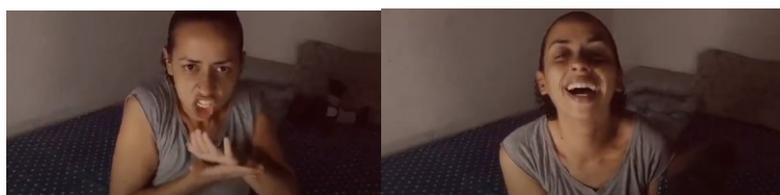
A ausência de acesso vale para as campanhas governamentais sobre o feminicídio, violência sexual entre outros materiais que não têm peças traduzidas em Libras, como se estas pessoas ou não existissem, do ponto de vista sociológico, ou não sofressem tal prática criminosa.

O programa TILSJUR, produz diversos materiais que envolvem a temática Libras e o Judiciário²⁷, um produto que nos interessa citar é a tradução da cartilha “Violência doméstica: perguntas e respostas em Libras”²⁸, que foi produzido graças a uma parceria entre o Programa de Extensão TILSJUR e o Tribunal de Justiça de Santa Catarina. Para Santos e Stumpf (2019) “O tema escolhido para tradução ocorreu porque há carência de materiais traduzidos sobre violência contra mulher”²⁹.

As autoras refletem que “a violência enfrentada pelas mulheres surdas é agravada pela falta de acesso aos órgãos policiais e/ou jurídicos, pois, na maioria deles, a falta de intérpretes de línguas de sinais é uma constante”³⁰.

Podemos perceber assim, que as mulheres das comunidades surdas são completamente desassistidas dentro da esfera jurídica, além disso as crianças surdas não possuem mecanismo de denúncia ou acesso a informações essenciais sobre violência sexual.

FIGURA 05



Fonte: dos autores

A poesia finaliza com a poeta atriz olhando para sua boneca e sorrindo, na sequência com semblante sério, olha para a câmera e sinaliza “Minha história, meu passado anulou o meu brincar, destruiu minha felicidade”. É de se observar, que este é o único momento em que há Libras no poema, revelando a sua atual

²⁷ Os materiais podem ser consultados na página do youtube do TILSJUR [\[LINK\]](#)

²⁸ A cartilha pode ser consultada no [\[LINK\]](#)

²⁹ 2019, p.50

³⁰ 2019, p.55

consciência, hoje empoderada, mas que contrasta com a narrativa construída para representar a sua infância, que é permeada apenas por cenas visuais e gesticulações (apontamentos), interdita de acessar uma língua correspondente a sua experiência surda, ou alguma forma de comunicação mais efetiva.

A violência doméstica e sexual, a solidão sentida e denunciada pela poeta se dá não apenas pela ausência do estado, com a garantia de direitos linguísticos para a utilização de serviços básicos de saúde, segurança e educação, mas está imputado no isolamento sentido por uma falsa sororidade excludente de um Movimento ou de Movimentos que não a representam e nem por ela são identificados. Os efeitos psicológicos do racismo na psique de mulheres negras surdas, está refletido numa solidão que não é individual, mas que advém de uma subjetividade coletiva, e muitas vezes sentida mesmo apenas entre seus pares. É essa solidão da mulher negra que tem sido bastante discutida por teóricas negras, dentre estas, temos o clássico trabalho da professora Ana Claudia Lemos Pacheco que escreveu o artigo *Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar*, em que o abandono afetivo sofrido pelas mulheres é amplamente discutido, sobretudo, na perspectiva dos efeitos do colonialismo e da consubstancialidade do racismo inerente a este processo, mas e quanto a solidão da mulher negra surda? Quantos artigos foram produzidos e discutidos de forma tão exaustiva? Seriam os mesmos problemas? Sabemos que não, não há como mensurar os impactos desta solidão em mulheres que lutam contra o isolamento de forma mais fundamental, o linguístico, desde sempre.

E as meninas negras surdas? Quando suas infâncias serão alvo de investigação?

A poeta atriz é militante negra surda feminista e ao falar de si e das suas escrituras ela alcança um corpo coletivo de mulheres que partilham o mesmo desejo, o de serem respeitadas em suas individualidades. O empoderamento da mulher negra surda passa necessariamente pelo entendimento de que é preciso estabelecer processos de empatia que possibilitem uma incursão teórica mais relacional, tanto por parte do movimento de mulheres surdas, quanto pelo movimento de mulheres negras. Pararaseando Carla Akotirene (2019) é da mulher negra o conceito de interseccionalidade, somos os preferenciais alvos dos efeitos

do racismo estrutural revelados nos alarmantes índices de feminicídio, estupro e violência doméstica.

Infelizmente, graças ao altericídio, tão eficaz entre nós, não sabemos como estes dados afetam diretamente a mulher negra surda no Brasil, mas em tempo, acreditamos na potência da luta feminista e no empoderamento crescente da mulher negra surda, como quem nos irmanos agora. Nossas sinceras solidariedades. Deixamos as palavras finais de reflexão com a pensadora negra, Audre Lorde³¹ “Eu não posso me dar ao luxo de lutar contra uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular”.

Ainda, comungamos com Chapple³² ao compreender que a “[...] versatilidade da interseccionalidade é a sua capacidade de ser utilizada em todas as áreas de investigação, assim como na prática para examinar padrões sociais de injustiças”, além disso o Feminismo Negro Surdo, inicia-se a partir da lacuna das identidades tríades ou quadriades que são marginalizadas. Finalizamos este artigo-denúncia com a nítida convicção de que o estamento de igualdade, tão propagado pelos ideais de uma sociedade “democrática”, como teoricamente é a brasileira, está distante de ser alcançado, isto porque, antes de atingirmos qualquer status de equidade seria preciso, além de reconhecer as desigualdades que nos diferenciam, fomentar políticas de enfrentamento as imensas lacunas sócio-políticas que reduzem, minimizam, invisibilizam e anulam qualquer sujeito apartado das conjecturas do que se convencionou por “humanidade” moderna, e logo, separa, como o joio do trigo, quem pode e deve, acessar “legitimamente” os direitos “humanos”. Importante frisar que há escassez de pesquisas interseccionais que analisem situações de violências de mulheres negras surdas, em especial a interlocução com a categoria infância.

Nos cabe retomarmos, como já dito, o lugar de exclusão interseccional vivido por milhões de mulheres negras, surdas, pobres aviltadas do direito básico de existir socialmente, alvo das mais diversas ações de violência, seja do Estado ou no âmbito doméstico, muitas das quais sem sequer saber que são violadas, por já

³¹ Disponível no [\[LINK\]](#) Acesso: 13/06/2019

³² 2019, p.8

terem normalizado, em si, o sofrimento como *modus operandi*. Ainda, salientamos a capacidade de instrumentalização da poeta atriz, ao se apropriar de diferentes ferramentas tecnológicas para a sua produção literária, além das diferentes linguagens empregadas para a construção de sua narrativa, tais elementos, congregados a experiência surda, solidificam o lugar de intermídia que a produção literária surda elege como preferencial. A contribuição poética da autora, nos possibilita vislumbrar aportes para um Feminismo Negro Surdo, que em sintonia com outras poetisas negras surdas, reinvidicam o lugar interseccional de seus corpos, tanto dentro da comunidade surda, quando no movimento negro. Sua produção, reunida com outros textos poéticos de mulheres negras surdas, direcionam para além de denúncias, saberes que são compartilhados unicamente a partir dessa experiência, que longe de esgotada na poesia, deve ser encarada com mais atenção dentro de nossas pesquisas acadêmicas. “Boneca Invisível”, nos mostra pelo menos três pontos: a violência velada sofrida por mulheres surdas na infância; a ausência total de políticas públicas como reflexo do desamparo legal que vitimizam essas mulheres, além da falta de iniciativas que busquem erradicar tamanho sofrimento; a escassez de pesquisas e dados que se ocupem em debater a violência contra mulheres negras surdas, em especial na infância. Evidenciar a segregação da mulher nesta sociedade, machista, misógina, patriarcal, ouvintista e hetero normativa é função social, política, artística e acadêmica da qual não declinaremos jamais.

Referências Iniciais

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Rio de Janeiro: Editora Pólen, 2019.

Arulogun, O. S., Titiloye, M. A., Oyewole, E. O., Nwaorgu, O. G., & Afolabi. Experience of violence among deaf girls in Ibadan metropolis, Nigeria. *International Journal of Collaborative Research on Internal Medicine & Public Health*, v. 4, n. 8, p. 0-0, 2012.

BUZAR, Francisco José Roma. Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos (as) negros (as) em São Luís - MA. 2012. 155 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: [\[LINK\]](#), Acesso: 09/06/2019.

BRITO, Ires dos Anjos. Título “*Literatura Negra Surda*” In: MEIRA, Wermerson, TERMINOLOGIAS NEGRO-AFRICANAS E A LITERATURA NEGRA SURDA. Plataforma Youtube. 27 de julho de 2020. Disponível em [\[LINK\]](#).

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, n. SPE-2, p. 71-92, 2014.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Geledés Instituto da Mulher Negra*. 2011. Disponível em: [\[LINK\]](#), Acesso: 16/06/2019)

CHAPPLE, Reshawna L. Toward a theory of black deaf feminism: the quiet invisibility of a population. *Affilia*, v. 34, n. 2, p. 186-198, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. Revisão de Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa. University of California – Los Angeles. *Estudos Feministas*, ano 10, 1º semestre 2002. Disponível em: [\[LINK\]](#) Acesso 16/06/2019

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. - 1 ed. - Belo Horizonte: Autentica Editora, p.139 - 170, 2018

COLLINS, Patricia Hill BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*; trad. Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021

FERREIRA. Priscilla Leonnor Alencar. O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica. 2018. 121f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, Bahia. Disponível em: [\[LINK\]](#) Acesso: 16/06/2019)

GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo; SILVA, Jilson Pereira da. Sexualidade e Surdez: uma Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2020.

KLEIN, Madalena; FORMOZO, Daniele de Paula. GÊNERO E SURDEZ. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 100-112, mar. 2008. ISSN 1982-9949. Disponível em: [\[LINK\]](#) Acesso em: 16 mar. 2021. doi: <https://doi.org/10.17058/rea.v15i1.225>.

Kvam, Marit. Experiences of Childhood Sexual Abuse among Visually Impaired Adults in Norway: Prevalence and Characteristics. *Journal of Visual Impairment and Blindness*. 99. 10.1177/0145482X0509900102. 2004

LAMBERG, Doriana Tetu; OLIVEIRA, G. T. Mulheres surdas e a violência de gênero. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO–Women’s Worlds Congress*. 2017. em: [\[LINK\]](#) Acesso em:14/03/2021

LODRE. Audre. *Textos escolhidos*. Disponível em: [\[LINK\]](#) Acesso: 13/06/2019

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Tramas e dramas de gênero e de cor: a violência doméstica e familiar contra mulheres negras. Dissertação do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB 2013. Disponível em: [\[LINK\]](#). Acessado em 26/04/2021

PERLIN, Gládis e VILHALVA, Schirley. Mulher surda: elementos ao empoderamento na política afirmativa. INES | *Revista Forum* | Rio de Janeiro | n. 33 | jan-jun 2016. Disponível em: [\[LINK\]](#) Acesso em: 27/06/2019

SANTOS, Rhaul Lemos de; GRIGOLOM, Gabriela; MEDEIROS, Jonatas Rodrigues. Slam resistência surda: Curitiba: movimento e poesia. *Revista Espaço*, n. 54, p. 31-53, nov. 2020. Disponível em: [\[LINK\]](#) Acesso em: 20. dez. 2020.

SANTOS, Rhaul Lemos de. Negros/as surdos/as no Ensino Superior: mapeando cursos de graduação de Letras Libras. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SANTOS, Silvana Aguiar do; Stumpf, Marianne Rossi. Cartilha sobre violência doméstica – perguntas e respostas: experiências de tradução do Português para a Libras. *Revista Espaço*, v. 51, p. 39-58, 2019



This work is licensed under a Licence [Creative Commons Attribution 4.0 International License](#).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](#).